

O Investimento Estrangeiro Direto na América Latina Segundo o Modelo de Grubel e Lloyd

Moara Vieira Fonseca

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o comportamento do investimento estrangeiro direto (IED) nos países da América Latina (Brasil, Chile, Colômbia, México e Argentina) por meio da aplicação do índice de Grubel e Lloyd no período de 2014 a 2020. Como objetivo complementar, tem-se a intenção de elaborar uma comparação do quadro geral latino-americano com um grupo de países desenvolvidos e com países em desenvolvimento. A pesquisa se utiliza de método quantitativo com a aplicação do índice de Grubel e Lloyd nos fluxos de investimento estrangeiro direto. Os resultados encontrados demonstraram que a América Latina apresenta índices relativamente baixos, sendo o Chile, a Colômbia e o México os principais responsáveis pelos investimentos no exterior. Ficou demonstrado também que o Brasil, apesar do grande aporte de investimentos recebidos, não contribui favoravelmente para o investimento direto no exterior (IDX).

Palavras-Chave: Investimento estrangeiro direto (IED), América Latina, Internacionalização, Fluxo de Investimentos.

Abstract

This paper aims to analyze the behavior of foreign direct investment (FDI) in Latin American countries (Brazil, Chile, Colombia, Mexico, and Argentina) through the application of the Grubel and Lloyd index in the period from 2014 to 2020. In addition, there is the intention of comparing the general Latin American context with the context of developed and developing countries. The research uses a quantitative method to apply the Grubel and Lloyd index in foreign direct investment flows. The results showed that Latin America has relatively low rates, in which Chile, Colombia and Mexico are the main ones responsible for investments abroad, and that Brazil, despite a large number of investments received, does not contribute favorably to direct investments abroad (IDX).

Keywords: Foreign Direct Investment (FDI), Latin America, Internationalization, Investment's flows.

1. INTRODUÇÃO

A partir dos anos 1990, percebe-se um crescimento econômico e industrial da América Latina, o que acarretou em sua internacionalização em diversos setores. Segundo Paula (2003), isso ocorreu em função da abertura econômica e de sua posterior liberalização. Em pouco tempo, a dinâmica vigente de internacionalização na região, que consistia apenas na recepção passiva de investimentos diretos, passou também a contar com o envio de capital ao exterior. Tal fluxo se manteve durante a primeira década dos anos 2000, o que se verificou na pesquisa de Moura Jr., Racy e Vartanian (2017) e em Racy (2015), que abordaram o fluxo de investimento focado na América Latina nos primeiros anos dessa década.

Tanto a situação regional como a global se alteraram, significativamente, nos últimos anos; incluindo-se nessas mudanças as alterações de direcionamentos econômicos e a instabilidade política. É relevante ressaltar que a pandemia de 2020 impactou diretamente nesse cenário e trouxe um outro nível de dificuldade ao processo de internacionalização e de captação de recursos estrangeiros, sendo considerada a pior crise dos últimos 100 anos (JACKSON et al., 2020).

A literatura que trata sobre o conceito de internacionalização aponta para uma forte dimensão econômica e política, como claramente demonstrado ao se analisarem os efeitos mais visíveis da pandemia. O paradigma de Dunning (1980) traz essa reflexão econômica ao entendimento do conceito e explica a expansão internacional de empresas por meio dos custos de transação em conjunto com a tomada de decisão de internacionalização.

Quanto ao fluxo de capital estrangeiro, Larrañaga, Grisi e Montini (2016) argumentam que o investimento estrangeiro direto tem aumentado nos últimos anos devido à rápida expansão dos meios de transporte, além da interconexão possibilitada pelo avanço das telecomunicações. Dentro desse movimento, os países têm se colocado em posição de se inserirem na economia mundial e desfrutar de novos mercados, de recursos produtivos e de acesso à mão de obra. Em paralelo a essa concepção, Mello (1999) afirma que o IED tem a capacidade de aumentar a produtividade e o progresso tecnológico de um país, uma vez que permite a aquisição de novos insumos e tecnologia e promove a capacitação da mão de obra mediante a troca de conhecimentos.

Portanto, é possível concluir que o IED, além de fomentar a internacionalização, contribui positivamente para o desenvolvimento de países e de regiões do globo, como no caso da América Latina. Diante o exposto, o trabalho pretende responder a seguinte pergunta

de pesquisa: Quais as características do fluxo de investimento direto nos países da América Latina nos anos de 2014 a 2020?

Assim, o trabalho visa analisar o comportamento dos investimentos estrangeiros diretos nos países da América Latina (Brasil, Chile, Colômbia, México e Argentina). Além disso, realizou-se uma comparação entre os países da América Latina com os países desenvolvidos (Estados Unidos, Alemanha, Canadá e Japão) e com aqueles em desenvolvimento (Rússia, África do Sul e Índia).

Para isso, foram utilizados os relatórios da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), especificamente, seu relatório anual, o World Investment Report, aplicando-se o índice de Grubel e Lloyd a partir do estudo desenvolvido em 1975 pelos pesquisadores, tendo como foco o período de 2014-2020. Em virtude da relevância econômica e política da região, foram escolhidos para análise os seguintes países: Brasil, Chile, Colômbia, México e Argentina.

Este artigo está organizado em mais quatro seções. Na segunda seção, são apresentados os aspectos teóricos das relações de interesse: investimento estrangeiro direto, internacionalização e índice de Grubel e Lloyd. A terceira seção apresenta uma descrição da metodologia utilizada. Na quarta seção, são discutidos e analisados os resultados. Por fim, a última seção traz as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Investimento Estrangeiro Direto - IED

De acordo com a análise de investimentos mundial da UNCTAD (2019), o IED se trata de um investimento de caráter de longo prazo que preza por um relacionamento duradouro entre as partes interessadas. Ele é classificado como um fluxo monetário entre uma entidade residente em uma economia com destino a outra entidade residente em uma economia diferente, isto é, o fluxo de investimento entre países que envolve a transação entre duas entidades diferentes.

O Banco Mundial traz à tona os benefícios advindos do IED, sendo eles: i) criação de novos empregos; ii) transferência de tecnologia; iii) fontes de financiamento externo; iv) desenvolvimento de infraestrutura; v) incentivo à inovação e concorrência, entre outros

fatores.¹ A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define o investimento estrangeiro direto como peça chave para a integração internacional, uma vez que é capaz de criar vínculos entre diferentes economias e promover o comércio internacional, logo pode ser um importante catalisador para o desenvolvimento econômico de diversos países.²

Entretanto, apesar de o investimento estrangeiro direto ser de imensa importância para o desenvolvimento sustentável, os países em desenvolvimento são excluídos maciçamente dos fluxos de investimento direto. Tal realidade se deve em virtude de fatores como falta de transparência, cenário instável que acarreta em imprevisibilidade, infraestrutura e mão de obra disponível. Por consequência, é necessário que os governos criem políticas e regulamentos com o objetivo de atrair e reter capital estrangeiro com o foco em fomentar o crescimento sustentável (BERGER; GSELL; OLEKSEYUK, 2019).

Além dos pontos supracitados, dentro do contexto da pesquisa elaborada, é relevante ressaltar a relação direta entre o IED e seu potencial como índice de referência para mensurar o grau de transações internacionais e, assim, analisar o processo de internacionalização.

2. 2 Internacionalização

Em primeira instância, torna-se necessário entender o que leva certas empresas a optarem por se internacionalizar. Uma das principais teorias sobre o comércio internacional, o paradigma eclético (DUNNING, 1980; 1993), apresenta três pretextos relevantes que justificam a produção internacional, sendo eles: i) a busca por mercados de consumidores; ii) a busca por recursos (recursos naturais, matérias-primas, mão de obra); e iii) a busca por eficiência. De acordo com o autor, o processo decisório para a internacionalização deve averiguar a possibilidade de aquisição de três vantagens: i) vantagem de propriedade; ii) vantagem de localização; e iii) vantagem de internalização. Ainda segundo o autor, somente com essas três condições satisfeitas há a possibilidade de se produzir internacionalmente com sucesso.

Quanto à dinâmica da internacionalização, a teoria das vantagens comparativas de Ricardo e o teorema de Heckscher-Ohlin (HO) sustentam que existem diferenças relativas nos fatores de produção entre países, isto é, o nível de acesso à matéria-prima, à tecnologia, entre

¹ Disponível em: <https://blogs.worldbank.org/psd/fdi-is-a-global-force-but-is-it-a-force-for-good>

² Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/finance-and-investment/foreign-direct-investment-fdi/indicator-group/english_9a523b18-en

outros elementos produtivos, diverge em cada contexto. Nesse caso, a abundância e o uso intensivo desse insumo na fabricação de bens irá ditar sua capacidade de exportação do bem e de importação de outro bem que há em menor abundância.

Em sua abordagem de dois países, dois bens e dois fatores de produção, o modelo Heckscher-Ohlin aponta que, no contexto de diferença nos fatores de produção, os preços dos bens em questão divergem entre os países. Tal cenário somente é possível porque os recursos abundantes em determinada economia são mais baratos em virtude da facilidade de obtê-los. Logo, dentro das condições de livre-comércio, o bem produzido com insumos acessíveis será exportado a menor preço em comparação com o de outro país.

Enquanto isso, uma outra via de estudos, conhecida como tese de diferenciação Krugman (1980), aponta que a exportação de produtos se fundamenta no princípio de mercados imperfeitos. Conforme essa teoria, o sistema produtivo permite uma vasta gama de produtos diferenciados e, quando um determinado ambiente não satisfaz os desejos dos consumidores e para de inovar, ele automaticamente abre espaço para que outras empresas e/ou produtos venham a suprir essa lacuna. Isso posto, a tese de diferenciação explica porque diferentes países comercializam o mesmo bem entre si.

2.3 Índice de Grubel e Lloyd (GL)

O índice utilizado nesta pesquisa teve sua origem no desenvolvimento das teorias de economia internacional. Utilizado a partir da década de 70, esse índice tinha o objetivo de classificar o comércio em intra ou interindústria e, no início do Século XXI, foi adaptado para analisar itens do balanço de pagamentos.

O comércio interindústria, entre indústrias de diferentes setores, advém da configuração de transações segundo a teoria das vantagens comparativas e do modelo Heckscher-Ohlin, uma vez que esses índices explicam os aspectos pelos quais certos países comercializam diferentes produtos com base em suas condições internas de acesso a fatores produtivos. Em contrapartida, o comércio intraindústria, entre indústrias do mesmo setor tem sua fundamentação na teoria de diferenciação e dos mercados imperfeitos, dado que, nesse modelo, é manifestado os motivos que permitem a comercialização de bens semelhantes dentro de um mesmo mercado.

Segue na metodologia a explicação detalhada do índice e sua aplicação matemática.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir seu objetivo, este trabalho se utiliza de uma abordagem quantitativa. A amostra foi composta por países latino-americanos (Brasil, Chile, Colômbia, México e Argentina), países desenvolvidos (Estados Unidos, Alemanha, Canadá e Japão) e países em desenvolvimento (Rússia, África do Sul e Índia), conforme apresentado na base de dados da UNCTAD. O método consiste na aplicação do índice de Grubel e Lloyd (1975) nos fluxos de investimento estrangeiro direto no período 2014 a 2020.

O modelo de análise desenvolvido por Grubel e Lloyd visa avaliar o grau e a ocorrência do comércio intraindústria:

$$Ic_i = \left[\frac{(X_i + M_i) - |X_i - M_i|}{(X_i + M_i)} \right]$$

Em que:

Ic_i = índice de comércio intraindústria no setor i

X_i = exportações do produto ou setor i

M_i = importações do produto ou setor i

Os resultados obtidos com a aplicação da fórmula se enquadram em um intervalo 0,1. Quanto mais próximo de 1, o comércio é classificado como intraindústria uma vez que as exportações e importações terão valores semelhantes. Quanto mais próximo de 0, o comércio é classificado como interindústria, uma vez que os valores de X e M são diferentes, podendo até mesmo que um deles seja próximo de 0.

Para os propósitos desta pesquisa, o índice foi reformulado com o objetivo de avaliar os fluxos de investimento estrangeiro direto e investimento direto no exterior nos mesmos moldes da pesquisa de Vartanian, Cassano e Caro (2013):

$$GL = \left[\frac{(IDX + IED) - |IDX - IED|}{(IDX + IED)} \right]$$

Em que:

GL = índice de Grubel e Lloyd

IDX = investimento direto no exterior

IED = investimento estrangeiro direto

Assim como na primeira equação, o resultado se dá em um intervalo de 0,1. Porém, nesse modelo, o intuito é averiguar o fluxo de saída e de entrada dos investimentos estrangeiros diretos. Logo, um resultado próximo de 1 indica um fluxo bilateral semelhante entre os países.

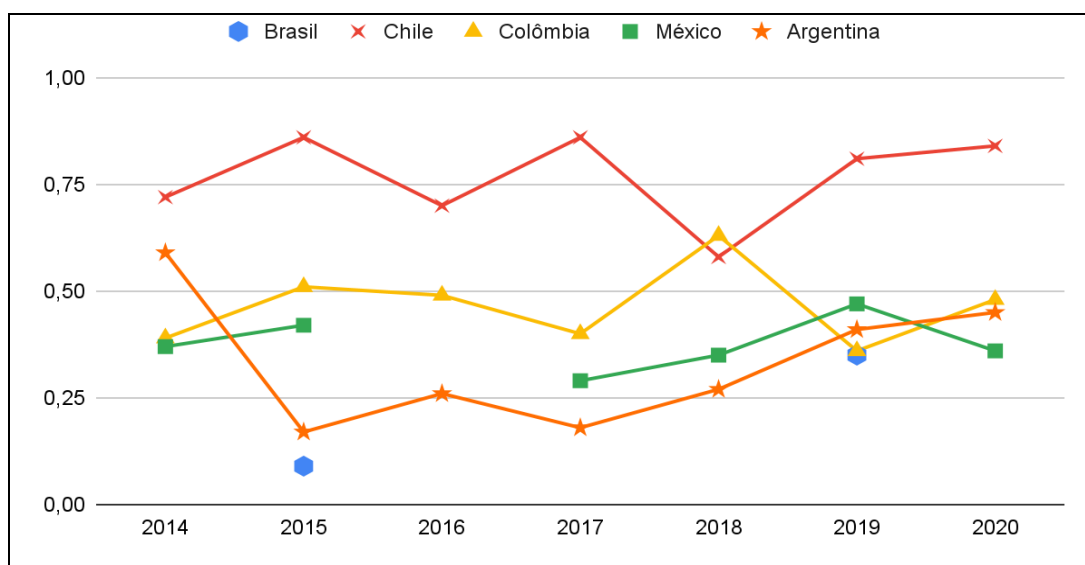
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

O índice de Grubel e Lloyd (1975) foi aplicado nos investimentos estrangeiros diretos e nos investimentos diretos dos países selecionados, quais sejam, Brasil, Chile, Colômbia, México e Argentina nos períodos de 2014 a 2020. Também foi aplicado a grupos de países desenvolvidos (Estados Unidos, Alemanha, Canadá e Japão) e em economias em desenvolvimento (Rússia, África do Sul e Índia). Tais países foram escolhidos com o intuito de ampliar a amostra e realizar uma comparação entre o grau de internacionalização dos países da América Latina e outras regiões. A base de dados utilizada foram os relatórios de investimento (World Investment Report) que são publicados anualmente pela UNCTAD.

No ano de 2020, de acordo com as análises da UNCTAD (2021), os fluxos de investimento direto caíram em 35% no mundo todo, mais especificamente, de \$1,5 trilhão em 2019 para \$1 trilhão em 2020. Quanto aos países da América Latina, apenas no ano de 2020, os fluxos do Brasil caíram em 62%, da Colômbia, em 46%, do Chile, em 33% e do México a queda foi de 15%. Isso se deve, em grande parte, à queda do valor das commodities e à ausência de turismo na região causada pela pandemia.

A Figura 1 registra o comportamento do índice de GL para os países selecionados.

Figura 1 - Índice de GL para países da AL (2014-2020)



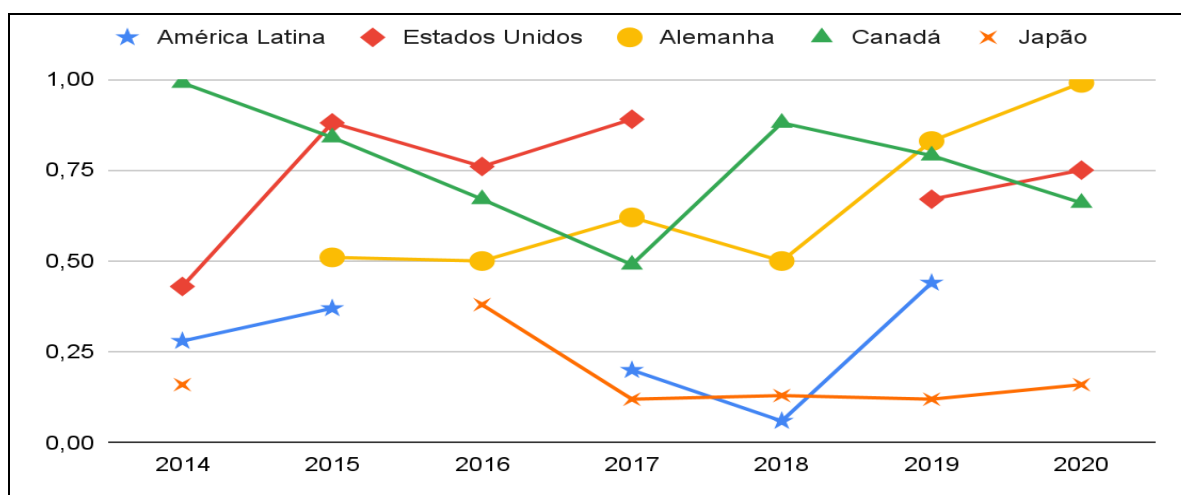
Fonte: elaborado pela autora com base na pesquisa

Como é possível observar, o índice demonstra uma certa instabilidade na região com subidas e quedas que não seguem um padrão claro de crescimento ou decréscimo. A interpretação dos resultados do cálculo do índice GL é de que resultados acima de 0,7 são considerados satisfatórios, pois indicam que os fluxos entre o investimento direto (IED) e o investimento direto no exterior (IDX) são semelhantes entre si, logo, o país não apenas recebe investimentos como também realiza investimentos.

Na Figura 1, percebe-se que, dentre os países analisados, os que apresentam melhor performance são Chile e Colômbia, seguidos por México, Argentina e Brasil. No caso particular do Brasil, o investimento em países estrangeiros é geralmente negativo em virtude da prática comum de captação de recursos por meio de subsidiárias no exterior (VARTANIAN, CASSANO, CARO, 2013). Assim, somente foi possível calcular o índice nos anos de 2015 e 2019, pois a fórmula exige que os fluxos de investimento sejam positivos, o que não ocorre nos outros anos da amostra

No que se refere aos países em desenvolvimento, a Figura 2 mostra a comparação com o grupo de países desenvolvidos, quais sejam, Estados Unidos, Alemanha, Canadá e Japão.

Figura 2 - Índice de GL: comparação AL e países desenvolvidos

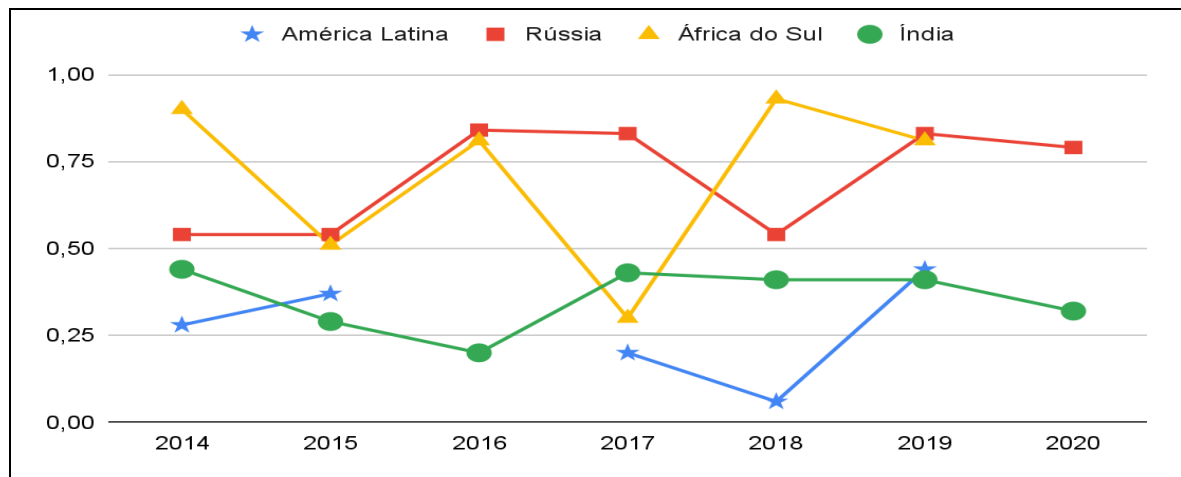


Fonte: elaborado pela autora elaborado pela autora com base na pesquisa

Em relação aos países desenvolvidos selecionados, a América Latina apresenta índices baixíssimos que se aproximam apenas do Japão. Entretanto, é interessante notar que, apesar de apresentarem índices semelhantes (Japão e América Latina), os motivos desse resultado são opostos, visto que o Japão é um país que investe grandes quantidades em outras regiões e que, em comparação, recebe poucos investimentos, enquanto, na América Latina, o inverso ocorre, haja vista os grandes investimentos realizados na região e poucos recursos enviados ao exterior. Isso posto, é possível perceber que apenas a utilização do índice de Grubel e Lloyd não é suficiente para analisar holisticamente o nível de internacionalização de um país, pois, apesar de ser uma ferramenta útil, é necessário analisar os fluxos individualmente dentro do contexto em que se encontram.

Quando comparada aos países em desenvolvimento (Rússia, África do Sul e Índia), a América Latina também se destaca pelos baixos resultados, aproximando-se apenas da Índia, como é possível observar na Figura 3. No caso da Rússia e da África do Sul, têm-se as médias 0,69 e 0,70, respectivamente, em contraste com a média da América Latina, que é de apenas 0,269. Cabe ressaltar novamente que os índices da região são fortemente afetados pelos fluxos negativos de investimento (IDX) do Brasil.

Figura 3 - comparação AL e países desenvolvidos



Fonte: elaborado pela autora elaborado pela autora com base na pesquisa

É válido pontuar, para os propósitos de clarificação, que os índices faltosos nas figuras, com destaque para Brasil (2014, 2016, 2017, 2018 e 2020), México (2016), Estados Unidos (2018), Japão (2015), Alemanha (2014) e América Latina (2016) se deve a uma limitação inerente ao cálculo do GL demonstrado na metodologia. A fórmula do índice não permite a utilização de fluxos de investimento negativos, isto é, IDX ou IED negativos; o que ocorre nos países e anos citados acima. Logo, não foi possível estabelecer o resultado e tê-los inseridos para análise. Para maiores informações, na Tabela 1, a seguir, são detalhados os valores específicos de cada país e sua respectiva média.

Tabela 1: IDX, IED e índice GL

	2020			2019			2018			2017			2016			2015			2014		
	IDX	IED	GL	IDX	IED	GL	IDX	IED	GL	IDX	IED	GL	IDX	IED	GL	IDX	IED	GL	IDX	IED	GL
<i>Brasil</i>	-26	24,8	-	15,5	72	0,35	-13	61,2	-	-1,4	62,7	-	-12	58,7	-	3,1	64,6	0,09	-3,5	62,5	-
<i>Chile</i>	11,6	8,4	0,84	7,9	11,4	0,82	3	7,2	0,59	5,1	6,7	0,86	6,2	11,3	0,71	15,5	20,2	0,87	13	22,9	0,72
<i>Colômbia</i>	2	7,7	0,41	3,2	14,5	0,36	5,1	11	0,63	3,7	14,5	0,41	4,5	13,6	0,50	4,2	12,1	0,52	3,9	16,1	0,39
<i>México</i>	6,5	29	0,37	10,2	33	0,47	6,9	31,6	0,36	5,1	29,7	0,29	-0,8	26,7	-	8,1	30,3	0,42	5,2	22,8	0,37
<i>Argentina</i>	1,2	4,1	0,45	1,6	6,2	0,41	1,9	12,2	0,27	1,2	11,9	0,18	0,9	6	0,26	1,1	11,7	0,17	2,1	5	0,59
TOTAL	-5	74	-	38,4	137,1	0,44	3,9	123,2	0,06	13,7	125,5	0,20	-1,2	116,3	-	32	138,9	0,37	20,7	129,3	0,28
<i>Rússia</i>	6,3	9,7	0,79	22,5	31,7	0,83	36,4	13,3	0,54	36	25,3	0,83	27,3	37,7	0,84	26,6	9,8	0,54	56,4	21	0,54
<i>África do Sul</i>	-2	3,1	-	3,1	4,6	0,81	4,6	5,3	0,93	7,4	1,3	0,30	3,4	2,3	0,81	5,3	1,8	0,51	6,9	5,7	0,90
<i>Índia</i>	12	64,1	0,32	13	50,6	0,41	11	42,3	0,41	11	39,9	0,43	5	44,5	0,20	7,5	44,2	0,29	9,8	34,4	0,44
TOTAL	16,3	76,9	0,35	38,6	86,9	0,62	52	60,9	0,92	54,4	66,5	0,90	35,7	84,5	0,59	39,4	55,8	0,83	73,1	61,1	0,91
<i>Estados Unidos</i>	92,8	153,6	0,75	124,8	246,2	0,67	-64	251,8	-	342,3	275,4	0,89	281	457	0,76	300	380	0,88	336,9	92,4	0,43
<i>Alemanha</i>	35	35,7	0,99	139	98,7	0,83	77,1	26	0,50	82,3	37	0,62	51	17	0,50	94	32	0,51	112,2	-3	-
<i>Canadá</i>	48,7	24	0,66	76,6	50,3	0,79	50,5	40	0,88	77	25	0,49	74	37	0,67	67	48,6	0,84	52,6	53,9	0,99
<i>Japão</i>	115,7	10	0,16	226,6	15	0,12	143,2	9,8	0,13	160,4	10	0,12	145	33,7	0,38	128,7	-2	-	113,6	10	0,16
TOTAL	292,2	223,3	0,87	567	410,2	0,84	206,8	327,6	0,77	662	347,4	0,69	551	544,7	0,99	589,7	458,6	0,87	615,3	153,3	0,40

Fonte: elaborado pela autora

Nota: Valores de IDX e IED expressos em US\$ bilhões.

Tabela 2: IDX, IED e índice GL

	Médias
<i>Brasil</i>	0,2229
<i>Chile</i>	0,7732
<i>Colômbia</i>	0,4595
<i>México</i>	0,3805
<i>Argentina</i>	0,3343
MÉDIA TOTAL	0,2693
<i>Rússia</i>	0,6999
<i>África do Sul</i>	0,7087
<i>Índia</i>	0,3578
MÉDIA TOTAL	0,7312
<i>Estados Unidos</i>	0,7320
<i>Alemanha</i>	0,6589
<i>Canadá</i>	0,7604
<i>Japão</i>	0,1780
MÉDIA TOTAL	0,7766

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: Para os cálculos da média, foram utilizados apenas os anos com ambos os fluxos (IED e IDX) positivos.

Assim sendo, constata-se que a América Latina tem muito a evoluir na captação de recursos estrangeiros e no investimento internacional (IDX). Fica claro, por meio das análises, que as instabilidades políticas e econômicas da região têm reflexo direto no fluxo de investimento. É primordial que os governos latino-americanos organizem planos de ação de

longo prazo com o objetivo de melhorar os índices, haja vista os inúmeros benefícios advindos do IED. Nas palavras de Sauv  (2006), os países em desenvolvimento têm uma capacidade muito maior e podem fazer muito mais para permitir que o IED contribua com o crescimento sustentável.

5 CONSIDERA ES FINAIS

O objetivo deste artigo   analisar o comportamento do investimento estrangeiro direto (IED) nos países da América Latina (Brasil, Chile, Colômbia, México e Argentina), no período de 2014 a 2020, por meio da aplica o do  ndice de Grubel e Lloyd. A partir da análise dos elementos, foi possível perceber o caráter instável entre os fluxos de investimento e a disparidade existente em diferentes regiões. Constatou-se que a América Latina apresenta índices relativamente baixos, sendo o Chile, a Colômbia e o México os principais responsáveis pelos investimentos no exterior e que o Brasil, apesar dos investimentos recebidos, não contribui favoravelmente para o investimento direto no exterior (IDX) da região. Destaca-se também a dependência de recursos naturais para exporta o de commodities e a dependência do mercado de turismo como fatores relevantes para as quedas no ano de 2020.

A presente pesquisa contribui para maior entendimento da situa o da América Latina quanto ao seu potencial para receber investimentos estrangeiros e sua capacidade de influência na economia global ao investir em outros países. Além disso,   possível inferir as causas que afetam os baixos resultados apresentados, sendo a instabilidade política e econ mica e a ausência de direcionamentos governamentais os principais fatores. Sugere-se, para pesquisas futuras, que seja explorada a rela o entre atra o/capta o de investimentos e a conjuntura econ mica e política de um país/região.

No que tange   utiliza o do  ndice de Grubel e Lloyd, percebe-se, na análise dos gráficos, que o  ndice tem suas limita es que, por sua vez, limitam a abrangência do estudo e que, apesar de ser capaz de demonstrar satisfatoriamente se a troca entre investimentos   equilibrada, não pode ser usado como critério único de avalia o da internacionaliza o de uma região. Além disso, o valor do  ndice pode alterar em fun o de uma diminui o no fluxo de entrada que se aproxime do valor do fluxo de saída, e vice-versa, tornando os valores de IDX e IDE mais próximos, aumentando, conseqentemente, os resultados, o que não corresponderia necessariamente a um maior ou menor grau de internacionaliza o. Ademais,

trata-se de um método descritivo que não se aprofunda sobre as causas e fatores que influenciam os elementos de análise.

Cabe ressaltar que, apesar de suas limitações, o índice de Grubel e Lloyd demonstrou ser capaz de traçar um quadro geral que explique o comportamento regional de modo satisfatório. Por meio de sua utilização, os objetivos da pesquisa foram alcançados e, em virtude disso, recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem a utilização do índice para caracterizar o processo de internacionalização, uma vez que foi bastante útil para a análise do fluxo de investimento.

6 REFERÊNCIAS

BERGER, Axel; GSELL, Sebastian; OLEKSEYUK, Zoryana. Investment facilitation for development: a new route to global investment governance. German Development Institute. *Deutsches Institut für Entwicklungspolitik (DIE)*. 2019. <https://doi.org/10.23661/bp5.2019>

de Mello, L. R., Jr. (1999). Foreign direct investment-led growth: Evidence from time series and panel data. *Oxford Economic Papers*, 51(1), 133–151.

DUNNING, J. **Multinational enterprise and the global economy**. Wokingham: AddisonWesley, 1993.

DUNNING, J. H. Towards an eclectic theory of international production: Some empirical tests. *Journal of International Business Studies*, Washington, vol. 11, n.1, p. 9-31, 1980. doi: 10.1057/palgrave.jibs.8490593

FDI is a global force, but is it a force for good? Disponível em: <<https://blogs.worldbank.org/psd/fdi-is-a-global-force-but-is-it-a-force-for-good>> Acesso em 20 Junho de 2021.

Foreign direct investment. Organization for Economic Co-operation and Development (OECD). At https://www.oecd-ilibrary.org/finance-and-investment/foreign-direct-investment-fdi/indicator-group/english_9a523b18-en

GRUBEL, Herbet. Intra-Industry Trade in Assets. In LEE, H. O.; LLOYD, E P. J. (Eds.) **Frontiers of Research in Intra-Industry Trade**. New York: Palgrave Macmillan, 2002. p. 273-290.

GRUBEL, Herbet; LLOYD, Peter John. **Intra-Industry Trade: the Theory and Measurement of International Trade in Differentiated Products**. London: Palgrave Macmillan, 1975.

HECKSCHER, E. The effect of foreign trade on the distribution of income. *Ekonomisk Tidskrift*, p. 497-512, 1919. [Republicado em: A.E.A. readings in the theory of international trade. Blakiston, Philadelphia, 1949, Cap. 13, p. 272-300.1

JACKSON, J. K.; WEISS, M. A.; SCHWARZENBERG, A. B.; NELSON, R. M. Global economic effects of COVID-19. **Congressional Research Service**. 2020. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/row/R46270.pdf>. Acesso em 09 set.2021.

KRUGMAN, P. Scale Economies, Product Differentiation and the Pattern of Trade. **American Economic Review**, Pittsburgh, vol. 70, n.5, p. 950-959, 1980

LARRAÑAGA, Félix Alfredo; GRISI, Celso Claudio de Hildebrand; MONTINI, Alexandra de Ávila. Fatores competitivos que afetam a decisão de investimento direto estrangeiro no Brasil. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, p. 112-134, 2016.

MOURA JR, Álvaro Alves de; RACY, Joaquim Carlos; VARTANIAN, Pedro Raffy. Investimento Estrangeiro Direto e Capital Brasileiro no Exterior: Uma Análise Setorial a partir do Índice de Grubel e Lloyd. In: Encontro Nacional de Economia Industrial e Inovação, 2, 2017. **Anais...** Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, 2017.

OHLIN, B. Interregional and international trade. **Carnbridge: Harvard University Press**, 1933.

PAULA, Germano Mendes de. **Estratégias corporativas e de internacionalização de grandes empresas na América Latina**. Santiago de Chile: CEPAL, 2003.

RACY, Joaquim Carlos. Fluxos de entrada e saída de investimento direto: uma análise de países selecionados da américa latina no período 1995-2012 com o uso do índice de grubel e Lloyd. 2015.

SAUVÉ, Pierre. Multilateral rules on investment: is forward movement possible? **Journal of International Economic Law**, v. 9, n. 2, p. 325-355, 2006.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). Disponível em: <www.unctad.org> Acesso em 27 de abril de 2021.

UNCTAD., Geneva. World Investment Report. UN. 2015. Disponível em: < https://unctad.org/system/files/official-document/wir2015_en.pdf > Acesso em 12 de agosto de 2021.

UNCTAD., Geneva. World Investment Report. UN. 2016. Disponível em: < https://unctad.org/system/files/official-document/wir2016_en.pdf > Acesso em 12 de agosto de 2021.

UNCTAD., Geneva. World Investment Report. UN. 2017. Disponível em: < https://unctad.org/system/files/official-document/wir2017_en.pdf > Acesso em 12 de agosto de 2021.

UNCTAD., Geneva. World Investment Report. UN. 2018. Disponível em: < https://unctad.org/system/files/official-document/wir2018_en.pdf > Acesso em 05 de setembro de 2021.

UNCTAD. **World Investment Report**. UN. 2019. Geneva. Disponível em:

< https://unctad.org/system/files/official-document/wir2019_en.pdf > Acesso em 10 de setembro de 2021.

UNCTAD., Geneva. World Investment Report. UN. 2020. Disponível em:

< <https://unctad.org/webflyer/world-investment-report-2020> > Acesso em 12 de setembro de 2021. Não identificado no texto

UNCTAD. **World Investment Report**. UN. 2021. Geneva. Disponível em:

< https://unctad.org/system/files/official-document/wir2021_en.pdf > Acesso em 12 de setembro de 2021.

VARTANIAN, Pedro Raffy; CASSANO, Francisco Américo; CARO, Abrão. Análise do processo de internacionalização dos países do Bric com o uso do índice de Grubel e Lloyd. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais (Internext)**, v. 8, n. 2, p. 83-98, 2013.